



---

## A CRÍTICA DA RELIGIÃO NO PENSAMENTO DE KARL MARX E SUA INFLUÊNCIA NA REALIDADE SOCIAL

Lucas Bianco Berto<sup>1</sup>

**RESUMO:** O presente artigo visa analisar a crítica a religião desenvolvida por Karl Marx na obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, tendo como objetivo principal a compreensão do papel da religião na realidade social. Em um primeiro momento buscaremos analisar as influências realizadas pelos pensadores Demócrito e Epicuro, seguidas por Hegel e Feuerbach. Em sessão posterior, discorreremos sobre a análise onde Karl Marx se contrapõe ao pensamento de Feuerbach, defendendo um enfrentamento direto com a sociedade, não mais com a religião. O problema do trabalho está no fato da utilização da religião como domínio social, pelo qual o homem encontra-se como corrompido, sujeito aos domínios e elementos inumanos criados pela sociedade. Para a libertação desta vida, Karl Marx afirma ser necessário a alteração do mundo onde o homem se encontra, necessitado de ilusões. Não se tratando de uma luta contra a religião, mas uma libertação do Estado submetido ao domínio religioso.

**PALAVRAS-CHAVE:** Karl Marx; Crítica; Influência Social; Religião; Domínio Social.

Nestas reflexões, pretendemos fazer uma análise sobre a crítica da religião, tomando por base os escritos de Karl Marx sobre tal crítica, na obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, mas especificamente no trecho intitulado como “Introdução”. E através desta, compreender qual é a papel da religião na influência da realidade social. Para uma melhor compreensão do tema, dividiremos o mesmo em duas partes, na primeira apresentaremos os pressupostos históricos e filosóficos que influenciam o pensamento marxiano e, na sequência, a noção do autor e sua visão do assunto.

Na primeira sessão poderemos observar de maneira breve, a influência de diversos autores no pensamento e nas obras de Karl Marx. O autor estudado usufrui das colocações, desde Demócrito e Epicuro, na filosofia antiga, até a escritores mais próximos de sua época histórica, como Hegel e Feuerbach.

---

<sup>1</sup> Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e estudante de teologia pelo Claretiano - Centro Universitário (CEUCLAR). E-mail: semlucasbianco@gmail.com

No segundo capítulo nos analisaremos a contemplação do autor sobre a crítica da religião, da religiosidade e de sua influência social e individual sobre os homens e, desse modo, tentaremos compreender de forma mais específica a sua crítica à realidade social imposta pela religião.

Os meios metodológicos que ajudarão a desenvolver este trabalho acadêmico serão de cunho teórico-exploratório, com a finalidade de alcançarmos os objetivos já descritos, pois como escreve Gil, a pesquisa bibliográfica é realizada a partir de matérias que foram elaboradas anteriormente, como livros e artigos científicos. Para o mesmo autor, o estudo de caso consiste no estudo intenso de um ou poucos objetos, para que se obtenha um conhecimento rico em detalhes<sup>2</sup>.

## **1. A influência filosófica**

### 1.1 Demócrito e Epicuro

O início mais sistemático da crítica a religião realizada por Karl Marx, tem sua origem a partir de sua tese de doutorado, com a temática das filosofias naturais de Demócrito e Epicuro. O filósofo brasileiro José Américo Pessanha, relata da seguinte maneira, no prefácio da edição brasileira da tese de Marx: “No momento em que escreve a tese, Marx está inteiramente voltado para o problema da religião”. Nos primeiros anos da década de 1840, o autor do *Manifesto Comunista*, dedicava-se à leitura da obra *Tratado teológico-político* de Espinoza e também de uma série de críticas a teologia alemã.<sup>3</sup> É necessário compreendermos neste momento, que a crítica da religião expressa pelo autor, é realizada em uma Alemanha ainda marcada por sinais feudais, durante o século XIX, e este é o ponto fundamental do início do pensamento filosófico marxista.

O contato inicial de Marx com o pensamento de Demócrito é ocasionado a partir dos breves fragmentos que restam do filósofo e que circulavam na academia alemã do século XIX. Outros acessos, são revelados pelos comentários de Aristóteles, os quais são muito admirados por Marx e citados em diversos textos, e também a partir de Hegel nas suas *Lições de história da Filosofia*.

---

<sup>2</sup> Cf. GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

<sup>3</sup> PESSANHA *apud* SILVA, Romero Júnior Venâncio. A crítica da religião em Marx: 1840-1846. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal de Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Recife, 2010, f. 4.

O interesse de jovem Marx na obra de Demócrito é extremamente específico, ou seja, o que lhe importa do atomista grego é que seu pensamento estaria na base de um materialismo, e que desta forma poderia se opor a uma longa tradição idealista e metafísica, sustento do pensamento ocidental vigente. De modo breve, o pensador grego viveu provavelmente no século V a.C. e possuía a fama de realizar diversas viagens, sendo que o objetivo delas era uma investigação não religiosa, ou seja, consistia em tentar descobrir, em primeira instância, do que era feito o Cosmos não humano, antes mesmo de compreender como ou mesmo porque ele era constituído da forma que era. A tradição grega é marcada por esta busca, sendo Demócrito grande expoente deste pensamento laico<sup>4</sup>.

Marx utiliza como pedra basilar de seu pensamento esta ação de suspensão da crença no divino, ou ao menos, a remoção deste, como já concebido convencionalmente nas hipóteses explanatórias. Para o jovem alemão parece necessário enfatizar essa posição filosófica proposta por Demócrito. Segundo a leitura de Marx, a distinção entre o que denominamos hoje religião e ciência é vital para a o projeto intelectual da investigação natural.<sup>5</sup> Ao compreender a teoria proposta por Demócrito, da abstenção de uma hipótese divina, Karl Marx deriva seu “primeiro materialismo” e também sua crítica da religião.

Epicuro, filósofo dessa época mais novo que Demócrito, ao reafirmar a tese do atomismo defendida pelo grego, considera-a como uma espécie de “materialismo”, guiando desta forma a interpretação de Marx para a tese atomista. Os átomos de Demócrito, ajudaram a refutar a ideia da imutabilidade de estado do universo, defendida pela escola dos eleatas. Dessa forma pode-se compreender o entusiasmo do pensador germânico, pois lhe é apresentado um pensamento “materialista” e “dialético”, ou seja, através do pensamento do filósofo pré-socrático, pode-se compreender e explicar de modo satisfatório diversos questionamentos naturais, recorrendo apenas à própria natureza, sem a utilização de divindades e com o uso investigativo especulativo da razão e da experiência.

Todavia, Demócrito e sua teoria do “átomo” e do “vazio” foram apenas os passos iniciais da crítica da religião expressa por Karl Marx. Este primeiro ciclo, no que se refere à sistematização da crítica marxista do fenômeno religioso, encerra-se com a leitura da

---

<sup>4</sup> LENOBLE, Robert. *História da Ideia de Natureza*. Tradução Tereza Louro Pérez. Lisboa: Edições 70, 2002.

<sup>5</sup> SILVA, Romero Júnior Venâncio. A crítica da religião em Marx: 1840-1846. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Recife, 2010, f. 6.

concepção de natureza, liberdade e do pensamento antiteológico elaborado por Epicuro. A concretização da influência no pensamento de Karl Marx sobre a religião, dar-se-á após as leituras das obras de Hegel e, mais especificamente, em Feuerbach.

## 1.2. Hegel e Feuerbach

A influência de Hegel e Feuerbach, torna-se o ponto mais marcante na obra de Marx. Diversos autores confirmam a força da obra de Hegel nos escritos de Marx de modo mais específico no que tange à religião, sobressai o pensamento da chamada esquerda hegeliana.

Não nos aprofundaremos na concepção de Hegel sobre a religião em nosso trabalho, entretanto, alguns posicionamentos do filósofo, refletem efetivamente sobre a crítica da religião de Karl Marx e, mais especificamente, a problemática da emancipação do homem da religião, ponto chave de nossa reflexão.

Partimos de duas observações realizadas por dois importantes estudiosos sobre a religião em Hegel. Marcelo Aquino afirma: “A hipótese de trabalho é o estudo preliminar da *Ciência da Lógica* e da *Filosofia do espírito subjetivo*, enquanto o enquadramento especulativo das *Lições sobre a filosofia da religião*”.<sup>6</sup> Aquino, neste trecho, indica que a compreensão da interpretação da religião expressa por Hegel, exige o reconhecimento da especificidade de sua filosofia em sua formulação especulativa. Encontra-se por meio dessa dimensão, no compreender de Marx, o “ponto frágil” da posição crítica de Hegel sobre a religião. Manfredo Oliveira, expressa a outra concepção em um ensaio sobre Hegel e o Cristianismo: “O interesse de Hegel pela religião é marcado desde o princípio pelo interesse na solução do problema da emancipação do homem, que Hegel, com a Ilustração, reconhece ser o problema fundamental da sociedade Moderna”<sup>7</sup>. Oliveira, coloca como temática central da filosofia hegeliana o problema da religião, que seria a problemática da liberdade. Neste ponto, Marx discorda de Hegel. A relação da religião e emancipação em Marx, dá-se em outro patamar de discussão, que seria o tratamento da religião como fenômeno e como um momento do espírito.

Seguindo os passos de Aquino e Oliveira, entendemos que o grande eixo da filosofia hegeliana é a questão da liberdade, mas eles esclarecem que não se trata da liberdade

---

<sup>6</sup> AQUINO, Marcelo. F. de. *O conceito de religião em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1989, p. 11.

<sup>7</sup> OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Hegel e o Cristianismo*. In: GOMES, Nelson. *Hegel: um seminário na Universidade de Brasília*. Brasília: UNB, 1981, p. 89.

como a concebemos nos dias atuais, isto é, sendo como a potencialidade de realização de escolhas pelo indivíduo, o livre arbítrio ou a concretização dos nossos desejos. A realização dessa liberdade consiste na identidade entre desejo subjetivo e realidade prática, ou menos na adequação do mundo à vontade individual. Hegel coloca, por outro lado, a questão como a “eliminação de alteridade e da diferença” sem um sentido absoluto<sup>8</sup>. Em linhas gerais, essa ideia abre o início do pensamento marxista sobre as questões da liberdade e da religião. Agora passaremos dos comentários de Hegel para a influência de Feuerbach na crítica da religião de Karl Marx.

Analisaremos a influência de Feuerbach na concepção da religião de Marx, através da mesma metodologia utilizada com Hegel. Em uma de suas citações, Engels expressa:

Foi então que apareceu *A essência do Cristianismo* de Feuerbach. De uma penada reduziu a pó toda contradição, repondo o materialismo no trono, sem desvios... É preciso ter-se experimentado pessoalmente a ação libertadora desse livro para fazer uma ideia dela. O entusiasmo foi geral: todos fomos momentaneamente feuerbachianos. Pode-se ver pela leitura de *A Sagrada Família* com que entusiasmo Marx saudou a nova maneira de ver e até que ponto – apesar de todas as suas reservas – foi influenciado por ela<sup>9</sup>.

Marx afirma que Feuerbach é o único que possui um contraponto sério e crítico para a dialética hegeliana. O único que realizou verdadeiras descobertas neste domínio, sendo assim o verdadeiro triunfador da velha filosofia<sup>10</sup>. Com essas duas citações, podemos analisar a importância de Feuerbach na obra do jovem Marx.

Nas elogiosas citações a Feuerbach, Engels e Marx realizam uma necessidade vigente: a reposição do materialismo no seu lugar e naquele momento histórico do século XIX, era a realização de um acerto de contas com a herança hegeliana. No início da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, Marx realiza uma afirmação pragmática: “No caso da Alemanha, a crítica da religião chegou, no essencial, ao seu fim; e a crítica da religião é o pressuposto de toda a crítica”<sup>11</sup>. Feuerbach é o responsável por elevar ao auge a crítica da religião na Alemanha, não se podendo mais retroceder a Hegel.

Feuerbach, hegeliano fervoroso enquanto jovem, toma uma postura oposta ao seu mestre no decorrer de seus estudos. Nota-se um afastamento de suas teorias, com destaque especial à filosofia da religião e ao conceito do idealismo. Feuerbach resume sua evolução espiritual na obra *Filosofia da sensibilidade: Escritos (1839-1846)* por meio da seguinte expressão: “Deus foi meu primeiro pensamento; a razão, o segundo; o homem, o terceiro

---

<sup>8</sup> Cf. BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os atos do espírito*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

<sup>9</sup> ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feurbach e o fim da filosofia clássica alemã*. In: Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, s/d, p. 117.

<sup>10</sup> Cf. MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

<sup>11</sup> MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 145.

e último.”<sup>12</sup>. Seu desligamento e golpe final contra a religião e a linguagem hegeliana, deu-se pela publicação de sua obra máxima *A Essência do Cristianismo*, onde conclui que a razão e a fé, a filosofia e a teologia são inconciliáveis. Desta maneira, Feurbach define que o “Ser Absoluto”, o Deus dos homens é seu próprio ser. Esta concepção demarca o rumo de umas das primeiras críticas de Marx e Engels à religião, donde poderemos agora iniciar as concepções de Karl Marx sobre a problemática proposta no trabalho.

## 2. A crítica da religião no pensamento de Karl Marx

Após a busca bibliográfica, notamos que o autor, Karl Marx, expõe seu pensamento sobre a religião na obra já citada, *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, Introdução. Nas páginas iniciais, o filósofo considera a religião como um problema já amplamente trabalhado por Feuerbach. Todavia, Marx, assim como o sociólogo alemão Max Weber, mesmo meio século depois, não deixa de citar a religião e sua relação com o capitalismo. No caso de Weber, na sua obra *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*<sup>13</sup>.

O filósofo alemão realizou suas concepções da religião referindo-se a ela tal como da ética, da filosofia, do direito, da família, do Estado e outros, com um ponto comum, ou seja, como resultado das ideias, da produção espiritual de um povo, de uma forma social de consciência, pertencente ao plano da superestrutura ideológica<sup>14</sup>. Marx, porém, como ateu e pensador materialista, defende que a religião ocupa uma posição um tanto especial na superestrutura, devido ao fato dela não se realizar no privado, isto é, não é exercida apenas por um indivíduo, mas possui uma dimensão política e social que, dessa forma, colabora para a alienação do homem e, assim, para a conformação social, realizando a permanência de uma determinada sociedade a ser suprimida positivamente.

O enfoque principal de Marx na sua crítica pode ser compreendido, de forma breve, pelo revestimento religioso, ou seja, a presença do religioso na sociedade civil, no capital, na tecnologia, na mercadoria, no dinheiro, nos princípios do trabalho. Todos eles

---

<sup>12</sup> FEUERBACH, Ludwig. *Filosofia da sensibilidade: Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005, p.100.

<sup>13</sup> Cf. WEBER, Max. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

<sup>14</sup> Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732017000400008>.

adquirem de alguma forma tal envoltório de religiosidade e, assim, tem seus conteúdos verdadeiros, camuflados, ocultados pela religião.

O filósofo expõe o seu primeiro pensamento a respeito da religião, como “o pressuposto de toda a crítica”.<sup>15</sup> Em sua concepção ao criticar a religião, estamos reprovando na realidade, o pressuposto de seu nascimento e fundamento, sua razão social. A religião não adquire uma autonomia, não existe para si, mas é reflexo fantástico das potências terrestres, que recebe formas “supraterrestre” e se posicionam para dominar o homem. Na sua análise sobre o assunto, compreende que a religião adquire um reflexo, porém, deformado, uma consciência invertida de um mundo distorcido, de um Deus que fez o homem, e não um homem que fez Deus; um Estado fundador da sociedade, e não uma sociedade fundadora do Estado. A religião dessa maneira, na concepção marxista, é uma expressão invertida do mundo.

Ênfase, portanto, na consideração da religião como um fenômeno social, uma imagem de mundo também distorcido, invertido, a expressão real das contradições sociais, mas ao contrário do pensamento de Feuerbach, Marx defende que não é realizando um enfrentamento direto à religião que ela é desvelada, mas é através de suas raízes sociais, as suas contradições do real, que se mostra seus segredos. É neste momento que Marx questiona Feuerbach, pois segundo ele, o filósofo expoente do ateísmo humanista, inverte a ordem da crítica, e toma como tarefa revelar o segredo da religião, sem se preocupar com sua base material, seu fundamento que é a própria sociedade. Todo esse pensamento, pode ser analisado através da obra *Teses sobre Feuerbach*, escrita por Marx no ano de 1845<sup>16</sup>. Eduardo Chagas define a crítica de Marx a Feuerbach de forma sucinta, por meio da ideia de que Ludwig Feuerbach não resolveu o problema fundamental da religião, devido ao fato de ter ignorado a sua base social, deixando de notas que ela não é autônoma, abstrata, atemporal, mas sim um produto social, que pertence a uma determinada forma social e que passa por transformações em períodos históricos<sup>17</sup>.

Karl Marx, compreende que o homem produz a religião<sup>18</sup>, sonha dessa forma com um mundo fantasioso, faz sua projeção de essência num ser superior, pois não consegue encontrar no homem, na real sociedade, condições para o desenvolvimento de sua

---

<sup>15</sup> MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 145.

<sup>16</sup> LABICA, Georges. *As teses sobre Feuerbach de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

<sup>17</sup> Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732017000400008>, p. 137.

<sup>18</sup> Cf. MARX, Karl. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. São Paulo: Boitempo, 2018.

humanidade. Na obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, Introdução<sup>19</sup>, o filósofo alemão enfatiza que é o homem o criador da religião e que na realidade, ele se torna o fundamento da mesma e não o oposto.

Na obra *A questão Judaica*, Marx demonstra que não apenas Feuerbach, mas também Bruno Bauer, decorrem o problema da emancipação, da autonomia e da liberdade, da crítica à religião, ao Estado Cristão<sup>20</sup>. Marx, porém, a substitui pela crítica ao Estado profano, político, devido ao fato de a emancipação humana não ser apenas uma disputa teológica, nem um problema estritamente religioso, mas, principalmente, humano social.

A superação da religião para Bauer, é o pressuposto da emancipação política. Ele certifica que a religião é a “*conditio sine qua non*”<sup>21</sup> para a efetivação da liberdade e da autonomia humana, no qual se efetiva o Estado político. Marx defende que tal questão torna-se unilateral, devido ao fato que não é necessário que o indivíduo renuncie a religião para exercer sua liberdade no plano político.<sup>22</sup> Ele não parte, como o historiador alemão, da relação entre emancipação política e religião, mas entre a liberdade política e humana; nem mesmo busca a base da imperfeição do Estado na própria religião, senão no Estado político. Dessa forma, o Estado pode desprender-se do constrangimento religioso, sem que haja real liberdade para o homem. Deste modo, compreendemos que o Estado atinge sua universalidade de maneira abstrata, ou seja, sobre os elementos particulares, sobre as diferenças sociais, configura-se a explicação da vida genérica do homem em oposição à sua vida real.

No Estado político moderno, os direitos do homem são declarados como a liberdade, a propriedade, a segurança e a igualdade. Todavia, essa liberdade não se objetiva nas relações sociais, se não a partir de uma segregação do indivíduo. A prática objetiva desse direito constitui dessa forma, o direito à propriedade privada. Logo, compreendemos que desse direito decorre o uso dos bens e rendimentos, sem a devida atenção aos outros homens. Ou seja, por essa maneira, o direito à igualdade torna-se uma subscrição dos anteriores, quer dizer, a igualdade política não tem correspondido à igualdade real-social. O último direito, diz respeito à segurança, ao qual corresponde a garantia da preservação

---

<sup>19</sup> Cf. MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>20</sup> Cf. MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

<sup>21</sup> *Conditio sine qua non*: condição sem a qual não.

<sup>22</sup> Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732017000400008>, p. 140.

de sua pessoa, do seu direito e de sua propriedade. Isto é, nenhum dos supostos direitos do homem transcendem a propriedade privada, o egoísmo individual.

Todo esse conflito entre homem e Estado, que é a sociedade, é similar à contradição em que o ser que leva uma vida retraída encontra-se com o ser coletivo imaginário, despojado da vida real. Marx, segundo Eduardo Chagas<sup>23</sup>, compreende, no entanto, que a emancipação política burguesa trouxe um avanço desmedido, entretanto, não é ainda a plena emancipação humano-social. No Estado político, os homens independentes, religiosos ou não, aparecem como religiosos devido ao vértice entre vida social e vida política. A religião, elaboração espiritual da sociedade civil, surge como objetivação do estranhamento do homem à sua generalidade, devido ao fato do homem tratar a vida individual desconectada da política. Assim, Marx defende o Estado político como a expressão máxima dessa realidade, na qual o homem encontra-se como corrompido, sujeito aos domínios e elementos inumanos inerentes à sociabilidade do capital.

Em relação ao fetichismo religioso, Karl Marx na obra *O capital*, realiza uma analogia com o fetichismo da mercadoria. Na religiosa, Deus é compreendido como autônomo, independente, tendo apenas o homem como dependente, e não como sujeito e verdade da existência de Deus. No fetichismo da mercadoria, a mesma entende-se como autônoma, independente do seu criador, e o produtor aparece como dependente e não sujeito do produto de seu esforço.

Na mesma obra, em um texto nominado como “O caráter fetichista da Mercadoria e o seu Segredo”, compreendemos que o filósofo alemão observa o caráter “místico” da mercadoria como algo que não provém de seu valor de uso, mas da forma de troca<sup>24</sup>. Marx, destaca a condição trágica que o homem se encontra no mundo do capital, devido ao fato da criação durante o processo produtivo, de uma objetividade que anula o homem. Há uma analogia interessante para nosso trabalho neste ponto: temos a presença de uma objetividade sem o homem, ou mesmo de um homem esvaziado, para a qual a realidade surge como um mundo exterior, ou seja, o homem desconhece o mundo, nota-se como fora dele, alheio, tal como o religioso que produz Deus e, entretanto, não o vê como sua obra, mas como seu criador, sujeito a Ele. Nesta condição, Karl Marx compreende que

---

<sup>23</sup> Cf. CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732017000400008>, p. 141.

<sup>24</sup> MARX, Karl *apud* CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732017000400008>, p. 142.

os homens, enquanto homens, são abolidos e se tornam coisas vivas, enquanto o produto de seu esforço, as mercadorias, aparecem como autônomas, dotadas de poder sobrenatural, ocultando assim o trabalho social que as fundamenta.

Retornando ao texto da *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, Marx expressa a religião de forma parafraseada, como a ilusão, a compensação ideal, agindo como um remédio, um ópio espiritual de um povo oprimido, sofrido. Seria ela o que ajudaria a ocultar, a justificar uma determinada realidade, ou seja, como um nevoeiro da irracionalidade sobre a realidade, aliviando e apaziguando a consciência humana das misérias do mundo real. Age como suporte e forma de desligamento, das durezas de sua realidade degradante, elevando a “gozo” celestial, ao conformismo. Marx assevera: “A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real e, de outro, o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. Ela é o ópio do povo.”<sup>25</sup>

Compreendemos que o ideal de Marx para libertar o homem da religião é a necessidade de inicialmente libertá-lo do tipo de vida em que a religião o aprisiona, ou seja, é necessário alterar o mundo em que o homem precisa de ilusões. Não é um combate aos efeitos, mas à causa da religião, ou seja, sua estrutura social, política e econômica, sua base. Portanto, a religião existe, porque existe um mundo irracional e injusto. Não é originária de uma revelação sobrenatural, ou mesmo fruto de uma ignorância, muito menos invenção de impostores, mas é produto do homem oprimido, explorado. Sua busca principal é o alívio, abrandamento, consolo na religião, no universo imaginário, a respeito de suas dores e seus sofrimentos. Deste modo, a religião não desaparecerá enquanto não se eliminarem as condições pelas quais ela foi criada; e sem a superação dela, a felicidade só se alcança em um outro plano, por isso o paraíso é sempre celeste, e jamais “um paraíso real” na terra.

Ao analisar todo esse pensamento, podemos observar que não se trata de uma posição dogmática de Marx a favor de uma luta decidida contra a religião, ou mesmo uma apologia do extermínio do sentimento religioso pela força da violência, ou ainda da pretensão de transformar à força os crentes em ateus. No pensamento marxista não há o ateísmo como artigo obrigatório, ainda mais, de forma alguma, um “policimento espiritual”, como da defesa do preconceito, da intolerância, proibição ou mesmo perseguição à religião em geral. Na verdade, abre-se o espaço da religião pensada como

---

<sup>25</sup> MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 145.

questão privada em relação ao Estado, ao espaço público e a cada indivíduo em particular, com o propósito de escolher ser livre para crer ou não.

A ênfase que ocorre no pensamento de Marx foi, por um lado a crítica a uma dada forma de sociedade e sua ordem política, ao Estado que se apresenta como laico, mas se investe de uma forma religiosa, ocultando assim suas verdadeiras funções de exploração e opressão. Por outro lado, uma real “negação específica” da religião, quando utilizada como prejudicial ao ser humano; uma negação, quando se expressa pelo obscurantismo, pela superstição, idolatria, misticismo, como um entorpecente que estabiliza o homem, a serviço do capital, que o explora e obstaculiza a sua consciência. Como consequência, a proposta de desmitificação da religião, da realidade da qual ela nasce, contribui desse modo, até certo ponto, para a emancipação social do homem,<sup>26</sup> ponto chave e definição dos conceitos que buscamos.

## **Conclusão**

Após a análise do material estudado, consideramos os seguintes fatos sobre a construção da crítica da religião como mediadora da realidade social de Karl Marx:

O autor sofre a influência de pensadores específicos, os quais colaboram para a ampliação do seu pensamento, possibilitando assim, a elaboração da sua análise. Os filósofos antigos, Demócrito e Epicuro, agem sobre o jovem Marx, através da possibilidade de um estudo cósmico não humano, sem a intervenção religiosa, ou seja, a primeira abertura para a compreensão do homem como essência do homem.

Hegel influenciou Marx na sua concepção de emancipação do homem, como problema fundamental da sociedade moderna. Oliveira, destaca este fato afirmando que a temática central da filosofia hegeliana se realiza com o problema da religião e que deste, deriva a problemática da liberdade.

A maior influência foi desenvolvida por Feuerbach, responsável pela plena elevação da crítica da religião na Alemanha. Marx destaca este fato através de suas palavras, afirmando que em seu país, a temática da religião já foi amplamente discutida. Feuerbach,

---

<sup>26</sup> Sobre isso, cf. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, na qual Marx enfatiza: “A crítica da religião desiludiu o homem, para que ele pense, aja, construa a sua efetividade como um homem sem ilusões, um homem que chegou à idade da razão, para que grave em volta de si mesmo, isto é, do seu sol efetivo. A religião não passa do sol ilusório que gravita em volta do homem enquanto o homem não gravita em volta de si mesmo”.

discípulo de Hegel em suas origens, destoa de seu mestre no decorrer de sua evolução espiritual, realizando a plena separação do pensamento, na publicação da obra *A essência do Cristianismo*, texto do qual se deriva os primeiros esboços de crítica à religião realizados por Marx e Engels.

Karl Marx realiza sua crítica à religião, na obra *Crítica da filosofia do direito de Hegel*, não a compreendendo fora da superestrutura social. Na sua visão ela é exercida por indivíduos, entretanto possui uma dimensão política e social. Destaca-se no pensamento do filósofo alemão, o revestimento de religiosidade nos fatos e, deste modo, o ocultamento dos conteúdos.

Marx se contrapõe ao pensamento de Feurbach, o qual defende um enfrentamento direto da religião, enquanto nosso autor afirma que é através de seu fundamento, que se deve realizar a crítica, ou seja, a sociedade. Para Karl Marx, quem produz a religião é o homem, enfatizando que ele é o fundamento da mesma e não o oposto.

A grande chave de leitura é o fato da utilização da religião como domínio social, no qual o homem encontra-se como corrompido, sujeito aos domínios e elementos inumanos criados pela sociedade. Para a libertação desta vida que lhe aprisiona, Karl Marx afirma que é necessário a alteração do mundo em que o homem se encontra necessitado de ilusões. Não se trata de uma luta contra a religião, mas de uma libertação do Estado do domínio religioso, ao qual o homem está aprisionado.

## Referências

AQUINO, Marcelo. F. de. *O conceito de religião em Hegel*. São Paulo: Loyola, 1989.

BOURGEOIS, Bernard. *Hegel: os atos do espírito*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

CHAGAS, Eduardo Ferreira. A crítica da religião como crítica da realidade social no pensamento de Karl Marx. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 40, n. 4, p. 133-154, out./dez. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-31732017000400008>.

ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feurbach e o fim da filosofia clássica alemã*. In: Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-Omega, s/d.

FEUERBACH, Ludwig. *Filosofia da sensibilidade: Escritos (1839-1846)*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2005.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LABICA, Georges. *As teses sobre Feuerbach de Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar. 1987.

LENOBLE, Robert. *História da Ideia de Natureza*. Lisboa: Edições 70, 2002.

MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARX, Karl. *Sobre a questão judaica*. São Paulo: Boitempo, 2010.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Hegel e o Cristianismo*. In: GOMES, Nelson. *Hegel: um seminário na Universidade de Brasília*. Brasília: UNB, 1981.

SILVA, Romero Júnior Venâncio. *A crítica da religião em Marx: 1840-1846*. 2010. 176 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Pernambuco, Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Recife, 2010.

WEBER, Max. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.